

O anonimato costumeiro do pasquim, algumas vezes desvendado, pela orientação, pela linguagem, pelos dados mencionados no próprio texto, por depoimento de adversários ou de testemunhas, era também disfarçado nos pseudônimos. Pseudônimos e apelidos que destacaram a linguagem do pasquim como peculiar, às vezes incompreensível, ou só entendida depois de cuidadosas pesquisas, tal o rol de nomes especiais, de referências indiretas, de maliciosas alusões. Para o tempo, para o público da época, conhecedor dessa curiosa nomenclatura, em que coisas e pessoas mudavam de título, o entendimento era fácil. Para os que, mais de um século decorrido, acompanham, nessas folhas amarelecidas, a fúria desencadeada e quase sempre travestida, as conclusões são difíceis.

No desabrimento peculiar à época, quase sempre foi dito tudo com as letras exatas, quando se tratava do adversário, com os termos próprios, quando se tratava de xingamento, de difamação. As referências velavam-se quanto a episódios, as acusações escondiam-se aqui e ali em frases ambíguas. As personalidades políticas não eram citadas pelo nome ou pelo título, mas por apelidos chistosos, ridículos, desprimorosos, alguns verdadeiramente torpes. Os pseudônimos buscavam traduzir intenções patrióticas, interesse pelo bem comum, só existente na imaginação de quem o usava, quase sempre. A lista desses pseudônimos, entretanto, constitui material precioso. O confronto entre o acontecimento do dia e a linguagem do pasquim estabelece ligações interessantes, que permitem as interpretações. Eram acontecimentos que diziam de perto com os grupos políticos e a pequena imprensa que os servia espoucava, quase de súbito, em veementes denúncias, às vezes enfrentando fatos consumados que, sem isso passariam despercebidos em suas origens, — e essas denúncias davam, então, ao evento, o colorido próprio do pasquim, influíam nos títulos e deformavam, pela linguagem empregada, pelas referências veladas, pelo uso de apelidos, pela transparência dos pseudônimos, a realidade, que aparecia inteiramente desfigurada. Mas nunca, certamente, a imprensa viveu tão de perto os acontecimentos políticos, e essa foi a grande virtude do pasquim.

Uma das características mais interessantes do pasquim foi o uso das epígrafes. Não havia pequeno jornal que fugisse ao gosto de estampar, em prosa ou verso, um motivo qualquer com relação ao programa ou princípio ou propósito a que obedecia. O *Precursor das Eleições*, curiosa folha ouropretana de 1828, e que não era bem um pasquim embora tivesse a vida efêmera que foi um dos traços peculiares deste, trazia como inspiração, ao divulgar virtudes dos candidatos ao pleito próximo, a frase de Benjamin Constant: *De quelque manière que les citoyens s'occupent de leurs intérêts, la chose importante c'est qu'ils s'en occupent*. O dístico não